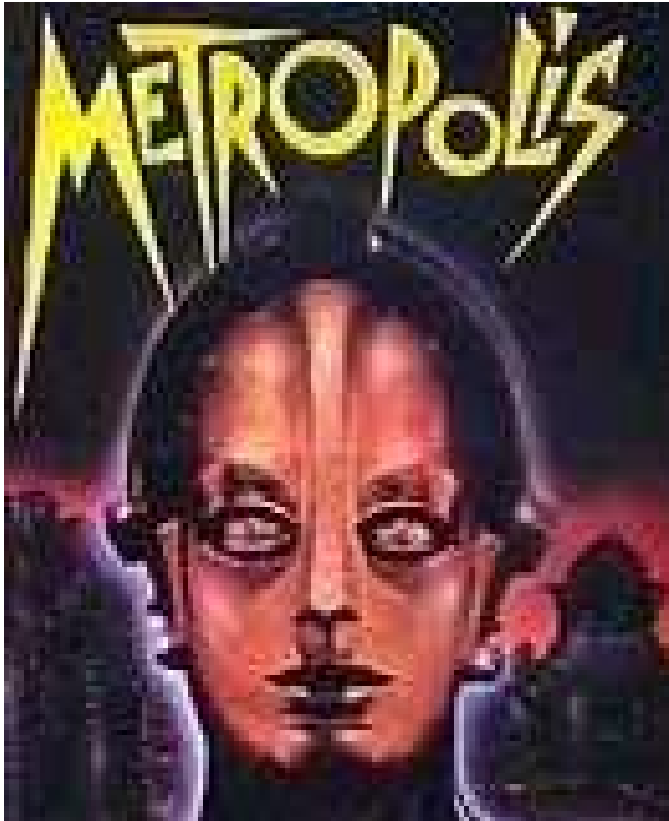


**Inteligência Artificial
e
Ideologia de Massa**



Claudio Donato

Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: Claudio Donato foi aluno de Luiz Hebeche, que foi aluno de Ernildo Stein, que foi aluno de Martin Heidegger.

INTRODUÇÃO

Sobre o advento das redes sociais e suas funções de controle cibernético e político-ideológico de um povo.

Uma fundamentação histórico-filosófica sobre o fenômeno da nova forma de agir e pensar do homem moderno: a nova inteligência artificial: agora incorporada pelo próprio ser humano de forma comprometida e comprometedora.

No Brasil, um presidente, Jair Bolsonaro, é eleito com base em propaganda nazi-fascista e de apartheid, realizada via mídias de massa e redes sociais: notadamente: via WhatsApp e Twitter.

Do ponto de vista filosófico, o escritor Ernst Jünger, elaborou a tema da “mobilização total”, cuja finalidade última era mobilizar toda uma nação, como um contingente bélico, para realizar um plano superabrangente de dominação e manipulação de massa.

Técnica e tecnologia como uma nova forma de pensar: acrítico e acéfalo: é dizer: automaticamente.

Acostumados a agir e pensar automaticamente, nós nos dispensamos diariamente da tarefa de pensar. Tal dispensa ou recusa nos equipara a autômatos programados a responder ou corresponder a estímulos ou apelos. Inconscientes de nosso lugar no mundo, seríamos ainda capazes de pensar? E mais, seria possível ainda, num mundo dominado pela técnica e pelas tecno-logias, algo assim como a liberdade ou,

pelo menos, o pensamento sobre a liberdade? Paradoxalmente, diante da falta de pensamento e da falta de liberdade, somos obrigados pelos fenômenos mesmos, neste caso pelo fenômeno da ausência de pensamento e de liberdade, a pensar e a vislumbrar, pelo pensamento sobre a liberdade, alguma forma de liberdade.

[...] O martelar não somente não sabe do caráter instrumental do martelo como se apropriou de tal maneira desse instrumento que uma adequação mais perfeita não seria possível. [...] (HEIDEGGER, 2006b, p. 117).

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E VERDADE

Verdade e correspondência

Para uma completa apreciação do tema da verdade no sentido aqui esboçado, seria necessário um estudo nas áreas de lógica, epistemologia, filosofia da ciência, filosofia da linguagem e filosofia analítica; estas áreas de estudo, no entanto, não fazem parte do tema deste ensaio. O título “inteligência artificial”, no entanto, pode gerar equívoco. Mas esclareço de antemão: trata-se de um estudo de ontologia e fenomenologia, e não de epistemologia e lógica.

O que me obriga a definir o que estou denominando aqui por “correspondência”. O esclarecimento dos sentidos de causalidade e espelhamento nos levará ao sentido aqui pretendido: corresponder significa, além do sentido tradicional, comprometer. O que compromete nas quatro causas do ente em Aristóteles e o que compromete nas relações entre homem e técnica referem-se de modo originário ao que espelha e compromete na quadratura. A demonstração dessa tese preliminar é o que pretendo ao longo desta via de pensamento. Aristóteles e Leibniz serão brevemente mencionados, a título de ilustração, apenas como um contraponto a Heidegger. A analogia fará referência aos conceitos de comprometimento (Verschulden) considerado por Heidegger na Questão da Técnica e o espelhamento

monádico de Leibniz, em comparação ainda ao jogo especular dos quatro elementos da quadratura heideggeriana: terra e céu, mortais e imortais. As noções de espelhar e comprometer questionarão o conceito tradicional de causalidade (Kausalität) e nos guiarão no sentido de pensar uma causalidade mais abrangente, como um coisar da coisa. Esclarecida esta coisidade (Ursächlichkeit) se esclarecerá também o papel de correspondência e comprometimento do único habitante da terra: “poeticamente o homem habita”, sob o céu e a espera dos deuses. Uma “nova concepção de verdade como correspondência” significa uma nova concepção de verdade e uma nova concepção de correspondência. O homem precede à técnica ou a técnica precede ao homem? A resposta a esta questão, se há uma resposta, não se pode decidir de antemão. Mas a técnica, em certo sentido (téchne), deve sua origem ao homem. Homem e técnica se comprometem significa que, de algum modo, homem e técnica se causam. Esta relação não é simples causalidade, mas é causa-dívida, um comprometer que corresponde, e uma correspondência que compromete.

Uma Kausalität Verschulden ou uma Verschulden-Kausalität. O homem deve à técnica grande parte da produção do “espírito” humano. Assim, o homem é “culpado” e está comprometido por todo evento técnico que ocorrer no mundo. Pelo fato de que a técnica deve ao homem a sua origem.

Sendo originariamente coisa humana, a técnica, em suas modalidades de ser (téchne, Gestell), compromete todo fazer e agir humanos que envolvam a produção. Exceção apenas para a produção artística, que não se submete à simples configuração ou composto matéria e forma. Precisamente porque “a essência da verdade se desvelou como liberdade”,

É somente na produção livre da obra de arte que a verdade mesma acontece. O homem, como artista, está comprometido com sua obra.

Em toda causalidade subsiste um comprometer. Em todo comprometimento há uma “causa” e um “efeito”. A causaefeito persiste na coisa criada ou gerada, como Verschulden. Esta persistência comprometedora é Ursächlichkeit. Na coisa criada as quatro causas coisam, iluminadas pela quadratura. Toda origem compromete. Heidegger não concorda com este pensamento. Para ele, a técnica, como essência, não tem origem antropológica. (HEIDEGGER, Sobre a Essência da Verdade, p. 163. São Paulo: Nova Cultural, 2005).

“Na obra, é o acontecimento da verdade que está em obra e, precisamente, no modo de uma obra. É por isso que se determinou primeiramente a essência da arte como o pôr-emobra-da-verdade (Ins-Werk-Setzen-der Wahrheit). Mas esta determinação é conscientemente ambígua. Ela diz, por um comprometimento se manifesta na figura da salvaguarda. Salvaguardar significa proteger. A

verdade se desvela somente no espanto do inabitual. Na luta entre habitual e inabitual. A verdade é sempre polêmica. Sua origem originária é a disputa entre velamento e desvelamento (a-létheia). Em termos metafísicos, é a eterna disputa heraclitiana entre o ser e o não-ser: to pólemos. A verdade instaurada pela Gestell, no entanto, elimina qualquer disputa. Sem polêmica, o que aparece é a com-vocação, imposição da técnica sobre o homem. No que este corresponde, simplesmente agindo e pensando de acordo com este apelo, sem polêmica (luta, combate) e sem questão.

A verdade estabelecida pelo espírito da técnica (Gestell), portanto, não é lado: a arte é o estabelecimento da verdade que se institui na forma. Isso acontece na criação como produção (Hervorbringen) da desocultação do ente. Mas, ao mesmo tempo, por em obra quer dizer: pôr em andamento e levar a acontecer o ser-obra. Tal acontece como salvaguarda. A arte é então: a salvaguarda criadora da verdade na obra. A arte é, pois, um devir e um acontecer da verdade. E, então, provém a verdade do nada? Sem dúvida, se por nada se entende a mera negação do ente, e se este se concebe como aquilo que habitualmente está aí disponível, o qual, então, em conformidade com o que dissemos, vem à lume através do estar-aí da obra, se revela e é abalado como o apenas pretensamente verdadeiro ente. Nunca a verdade se pode ler a partir do que simplesmente é e do habitual.” (HEIDEGGER,

2010f, p. 57).

Não há mais espanto algum. Pelo contrário, é a supressão de qualquer espanto. O grande perigo contido nesse tipo de verdade (no sentido ontológico originário) é o fato de ela não poder ser falseada. Uma verdade por correspondência no sentido epistemológico ou lógico, uma sentença dita científica pode ser falseada se, conforme nos ensinou Karl Popper, encontrarmos um único contra-exemplo. Ou seja, se “todos os cisnes são brancos” é uma sentença verdadeira, basta que encontremos um único cisne negro para falseá-la. Será que, ao contrário do que pensou Heidegger no Nartop-Bericht, não são as “verdades espontâneas” da razão prática mais perigosas do que as razões pensadas no modo da universalidade da Sophia? Ou ainda: será que há realmente uma diferença radical entre os dois modos originários de Alétheia¹²⁴? Permanece a questão: essa nova verdade por correspondência no sentido ontológico ou fenomenológico refere-se mesmo à Phrónesis ou à Sophia? Ou a ambos os expedientes do pensar e agir? Aparentemente, Phrónesis e Sophia devem ser excluídos dos enquadramentos da dominação técnica.

Se pensar e agir (“indivíduos”), no sentido de uma filosofia e uma phrónesis, foram subsumidos na forma única do apelo da Gestell (“gênero” dessa subsunção): que mantém indistintos fazer e pensar em sua automaticidade e que representam essa subsunção,